



ORIGINAL  
ORIGINAL

**Editora**

Luisa Angélica Paraguai Donati

**Conflito de interesses**

Não há.

**Apoio/Support**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo nº311546/2022-6).

**Recebido**

7 maio 2024

**Versão Final**

14 fev. 2025

**Aprovado**

13 ago. 2025

# Françoise Choay: uma mulher e seu tempo: uma leitura acerca da intelectual feminina num universo masculino

## *Françoise Choay: A Woman and Her Time: A Reading on Female Intellectuals in a Male-Dominated Universe*

Virgínia Pontual<sup>1</sup> , Júlia da Rocha Pereira<sup>1</sup> , Juliana Melo Pereira<sup>1</sup> ,  
Luciene Tenório<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural. Recife, PE, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: V. Pontual. E-mail: virginiapontual@gmail.com

**Como citar este artigo/How to cite this article:** Pontual, V. et al. Françoise Choay: uma mulher e seu tempo: uma leitura acerca da intelectual feminina num universo masculino. *Oculum Ensaíos*, v. 22, e2512676, 2025. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v22e2025a12676>

### Resumo

Os anos de 1960 na França, assim como em outros países, vem suscitando questões que requerem articulações de documentações diversas, especialmente ao serem perscrutados acontecimentos biográficos, como o da filósofa Françoise Choay. Sabe-se que esta filósofa, atuou como escritora, professora e tradutora; produziu escritos sobre temáticas que articulam os campos disciplinares da filosofia, da história da arte, da arquitetura e do urbanismo, dentre outros. Ela circulava com maestria em ambientes acadêmicos, editoriais e jornalísticos, muitos dos quais, neste arco temporal, eram dominados por homens. O presente artigo tem o objetivo de compreender Françoise Choay na sua condição feminina e posição excepcional: o que significou ser uma mulher de seu tempo nos lugares que ocupou? A partir de sua biografia profissional, buscou-se, num contínuo movimento sujeito-contexto, entender os movimentos de pensamento que gravitavam em torno dela, à medida que ela aderiu ou se distanciava. A problematização está aportada na História Cultural, particularmente em Pierre Bourdieu (2006) e Pierre Nora (1993), que referencia a relação entre memória e história, como um jogo interativo que permite uma sobreposição recíproca. O percurso adotado considerou a investigação de sua formação intelectual, dos eventos ocorridos em *Mai 68*, da reforma do ensino superior em arquitetura e urbanismo, da criação da Universidade Experimental de Vincennes, das proveniências e raízes familiares, da vivência em um maquis comunista em Corrèze, da emergência do feminismo e dos embates intelectuais. Deste modo, foi possível interconectar os aspectos investigados em uma narrativa crítica.

**Palavras-chave:** Françoise Choay. História Cultural. Mai 68. Urbanismo. Vincennes.

### Abstract

*The 1960s in France, as in other countries, have raised questions that require the articulation of various types of documentation, especially when biographical events are scrutinized, such*



as those related to philosopher Françoise Choay. It is known that this philosopher worked as a writer, professor, and translator; she produced writings on themes that intersected the disciplinary fields of philosophy, art history, architecture, and urbanism, among others. She moved with mastery in academic, editorial, and journalistic environments, many of which, in this time frame, were dominated by men. This article aims to understand Françoise Choay in her feminine condition and exceptional position: what did it mean to be a woman of her time in the places she occupied? Based on her professional biography, the goal was to explore, through an ongoing subject-context movement, the intellectual currents surrounding her, as she either adhered to or distanced herself from them. The issue at hand is grounded in Cultural History, particularly in the works of Pierre Bourdieu (2006) and Pierre Nora (1993), and refers to the relationship between memory and history, seen as an interactive game that allows for mutual overlap. The approach adopted considered the investigation of her intellectual formation, the events of May 68, the reform of higher education in architecture and urbanism, the creation of the experimental university of Vincennes, her familial origins and roots, her experience in a communist maquis in Corrèze, the rise of feminism, and intellectual confrontations. In this way, it was possible to interconnect the investigated aspects into a critical narrative.

**Keywords:** Françoise Choay. Cultural History. Mai 68. Urbanism. Vincennes.

## Introdução

Em 2025, perdemos uma mulher secular: Françoise Choay. Apesar do avançar da idade – completaria 100 anos em março –, as autoras do presente texto foram pegadas de surpresa. A vasta produção desta filósofa, jornalista, professora e crítica da Arquitetura e do Urbanismo e as múltiplas possibilidades de pesquisas que suscitam, fizeram de Choay uma “companhia constante”, uma permanência da qual não se cogitava esvair. Ainda assim, cabe advertir à/ao leitor/a, que o presente texto não é resultado de uma elaboração póstuma, uma homenagem *post mortem*, mas foi elaborado em um momento de debates efervescentes de sua obra no contexto nacional e internacional<sup>2</sup>.

O presente artigo busca desenvolver o que Paquot e Ribeiro (2023, p. 9), na apresentação de uma breve biografia, enunciam como “uma mulher de seu tempo”. Entre tantas facetas a explorar, uma intelectual de nível internacional com vasta cultura teórica, jornalista, filósofa, professora, erudita, polemista, tradutora, etc. Este enunciado intentou sintetizar a habilidade com a qual Choay atravessou as transformações e as questões que se impõem na contemporaneidade: as mudanças climáticas, a globalização do capitalismo, a revolução digital, a interpretação do patrimônio, o urbanismo e a arquitetura. No mesmo texto, quando se questiona uma possível filiação de Choay ao feminismo, são descartados o que os autores consideram “slogans dignos de sufrágios” para definir como “feminismo discreto” a existência e a persistência dela enquanto intelectual num universo majoritariamente masculino.

De modo convergente, Malaquias e Brandão (2023, p. 3) afirmam: “[...] ainda que os textos de Françoise Choay não tenham um caráter manifestamente feminista, as questões levantadas por ela tocam diretamente problemas enfrentados por mulheres nas cidades”, o que se deve à sua condição feminina, apesar da condição excepcional enquanto crítica prestigiada no campo dos estudos urbanos, sobretudo, em décadas em que o domínio masculino e visões hegemônicas ainda começavam a ser questionados. Para validar o argumento, os autores enfatizam a participação absolutamente minoritária de mulheres (8%) no Congresso Internacional de Críticos de 1959 e tecem uma interpretação das críticas de Choay sobre Brasília.

<sup>2</sup> Além das publicações de autores referenciados aqui, cabe destacar que Françoise Choay foi tema do curso “Diálogo entre culturas: traduções em Arquitetura e Urbanismo (UnB, UFPE, UFRJ) em 2020); do Dossiê Itinerários Intelectuais de Françoise Choay no número 35 da Revista Paranoá e de pesquisas recentes.

Neste sentido, a investigação aqui proposta tem o objetivo de compreender Françoise Choay na sua condição feminina e posição excepcional, e o que significou ser uma mulher de seu tempo nos lugares que ocupou? Tomando como ponto de partida a referida síntese biográfica de Choay, buscou-se, num contínuo movimento sujeito-contexto, entender os movimentos de pensamento que gravitavam em torno dela, à medida que ela aderiu ou se distanciava. Estratégia metodológica semelhante àquela adotada por Calabi (1997) para desvencilhar processos históricos complexos, sistemas culturais, estratégias institucionais e ordens escondidas na leitura de Marcel Poëte.

Evitando cair nas armadilhas da “ilusão biográfica”, sobre a qual advertiu Bourdieu (2006), a leitura da trajetória de Choay foi cotejada pelo contexto social, relações pessoais e profissionais que permitiram tecer – para além de uma sucessão de fatos com finalidade narrativa – o fluxo caótico, heterogêneo e quase sempre incoerente da experiência de vida. Com isso, espera-se entender a mulher e seu tempo em movimento sem lhe empreender uma lógica ou propósito predefinidos.

A problematização desta bagagem intelectual está focada na história cultural, particularmente em Pierre Nora (1993). Para além dos deslocamentos da trajetória de um agente, unindo-o a outros no mesmo espaço de possibilidades; referencia-se a relação entre memória e história como um jogo interativo que permite uma sobreposição recíproca. Por isso, o percurso adotado considerou a investigação de sua formação intelectual, dos eventos ocorridos em *Mai 68*, da reforma do ensino superior em arquitetura e urbanismo, da criação da Universidade Experimental de Vincennes, das proveniências e raízes familiares, da vivência em um *maquis* comunista em Corrèze, da emergência do feminismo e dos embates com outras intelectuais. Desse modo, foi possível interconectar os aspectos investigados em uma narrativa crítica.

## Memórias tensionadas: biografia e formação profissional

A formação universitária de Choay teve início na Universidade de Montpellier, onde obteve seu *Certificat d'Études Supérieures de Philosophie sur Kierkegaard*, contudo, veio a concluir seu memorial pela *Sorbonne Université* em Paris, sob a orientação de Jean Hyppolite, problematizando o pensamento dos filósofos Georg Hegel e Gaston Bachelard. Em 1978, defendeu a tese *La cité du désir et la ville modèle: essai sur l'instauration textuelle de la ville* (A cidade do desejo e a cidade modelo: ensaio sobre a constituição textual da cidade), sob a orientação de André Chastel, na *Université de Paris X* (Choay, 1978).

Os estudos referenciados dão uma ideia da sólida formação tida por Choay, que passou, nesse percurso, pela apropriação do pensamento de filósofos, como o dinamarquês Soren Kierkegaard, considerado o precursor da filosofia existencial (Abrão, 1999). De igual modo, ela se lançou ao desafio de investigar outros filósofos de filiações distintas, como o alemão Hegel, marcado principalmente pela fenomenologia do espírito e dialética idealista (Abrão, 1999), e o francês Bachelard (1996), reconhecido especialmente pela tese da formação do espírito científico e os obstáculos epistemológicos. A escolha desse conjunto de filósofos já demonstra a ousadia intelectual própria a Françoise Choay, em um momento em que a academia era dominada por homens.

A atuação dela como professora teve início com o convite do historiador de arte e, então, diretor da *École de La Cambre*, em Bruxelas, Robert L. Delevoy. Entre 1966 até 1972, ela permaneceu ministrando uma disciplina sobre cidade e linguagem, na qual problematizava as práticas do urbanismo. Por meio dos contatos com o urbanista Pierre Merlin<sup>3</sup> – ex-diretor do *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris VIII-Vincennes* –, foi convidada, em 1972, para ensinar nessa

<sup>3</sup> Choay e Merlin (1988) são autores da publicação *Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Amenagement*.

instituição, que proporcionou as condições para Choay dedicar-se ao estudo, à pesquisa, à crítica, à teoria e à prática do Urbanismo.

Outras experiências de ensino em instituições universitárias foram: desde 1965, Universidade Católica de Louvain e *Katholieke Universiteit Leuven* (Bélgica) e, na Itália (Gênova, Milão, Roma e Nápoles), em várias universidades. Em todas essas instituições, Françoise Choay estabeleceu conhecimento com um conjunto de urbanistas e experiências urbanísticas significativas que contribuíam com reflexões, alimentaram a elaboração de seus livros e ampliaram o arco de contatos e reconhecimentos acadêmicos e intelectuais.

Nesse período, ocorreram o movimento estudantil de *Mai 68* e a reforma no ensino de arquitetura e urbanismo. Autores como Edgard Morin (2018) e Marcuse (2021), que vivenciaram estes acontecimentos, estão de acordo que inicialmente existia uma predominância dos jovens nos movimentos sociais que fizeram *Mai 68* na França. Ambos enfatizam o acontecimento que foi a desocupação dos estudantes e professores pela polícia da Sorbonne e do *Quartier Latin* que serviu para que o movimento deixasse de ser apenas uma questão de reforma na estrutura antiquada da universidade<sup>4</sup>. Se antes as reivindicações eram voltadas à contratação de professores, à ampliação do número de salas de aulas, à descentralização de Paris, à introdução das Ciências Sociais na grade curricular etc., as coisas tomaram outro rumo. Porém, há que se observar que, para Marcuse (2021), não foi uma revolução, mas uma ação de massas, enquanto, para Morin, Lefort e Coudray (1968), no livro *Mai 68, La Brèche: Premières réflexions sur les événements* [Maio de 68: A brecha, primeiras reflexões sobre os acontecimentos], em 1968:

Havia diferenças, mas estávamos na mesma longitude de onda. Ao contrário do que acreditavam trotskistas, maoístas, etc., convencidos de que iria começar uma revolução, para nós era a brecha. Algo que abriria uma brecha debaixo da linha de flutuação da civilização burguesa ocidental. Não a revolução (Morin, 2018, *online*).

A articulação das lutas estudantis com as sindicais transformou as reivindicações em melhores salários, condições de trabalho e de vida, ou seja, ocorreu um salto qualitativo. O que permite inferir que os acontecimentos de *Mai 68* na França não se efetivaram apenas naquele momento, mas o seu efeito ideológico quebrou hábitos culturais adquiridos noutros tempos<sup>5</sup>. Entre os acontecimentos, pode-se citar a manifestação do feminismo, a consciência ecológica, a cultura da diferença e a vida em pequenas comunidades.

Anos antes dessa inflexão histórica, Choay publicou seus primeiros artigos em jornais e revistas. Entre 1956 e 1964, ano que antecedeu a incursão na docência, ela escreveu um artigo no qual versava sobre o ensino de arquitetura na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts (ENSBA)*, intitulado *Mort de l'École des Beaux-Arts [Morte da Belas Artes]*, publicado pela Revista *La Quinzaine Littéraire*, em 1968 (Figura 1). O que “morre” nas palavras de Choay seria o ensino ultrapassado, os privilégios de uma elite, a dimensão política da arquitetura etc. Esses acontecimentos remetem à “indispensável revolução”, mencionada por ela, iniciada pelo grupo C – sob a coordenação dos arquitetos Georges Candilis e Alexis Josic – como uma unidade externa à ENSBA, em consonância com as ações propostas pelos estudantes em greve: “[...] vinculação do ensino de arquitetura à universidade (ou a supressão do sistema de padrões) e abolição da ordem dos arquitetos, organismo

<sup>4</sup> Desde o Decreto nº62-179, de 17/02/1962, foram efetivadas adaptações nos fundamentos do ensino, considerado demasiado acadêmico e centralizado em Paris. Esse processo afunilador, na ENSBA, resultou em um corpo discente com maioria da aristocracia francesa (Violeau, 2005).

<sup>5</sup> A temporalidade de *Mai 68* se atualiza. Entre a profícua bibliografia existente, destacam-se Boudon (1969), Paugam (1977) e Loyer (2009).

corporativo herdado de Vichy e utilizado essencialmente para manutenção de privilégios” (Choay, 1968, p. 13, tradução nossa).



**Figura 1** – Imagem que ilustra o artigo “Mort de l’Ecole des Beaux-Arts” de autoria de Françoise Choay.

Fonte: Les Affiches des élèves de l’Ecole des Beaux Arts, fotografia Gilles Nadeau. *La Quinzaine Littéraire*, n. 52 (1968).

A leitura do artigo mostra uma Choay hesitante. Por um lado, acordava com as mudanças do ensino de arquitetura, mas, por outro, duvidava que apenas fosse trocado o “demiurgo” ou criador de modelos eternos e perfeitos, Le Corbusier, pela disciplina de sociologia. No entanto, a ironia não está ausente, ao concordar com a proposta dos estudantes sobre a dissolução da ENSBA, afirmou que deveria começar pela demolição do edifício da Sorbonne, de arquitetura eclética do século XIX, que caracterizou como “repulsivo e lúgubre”. Tal enunciado deve-se, provavelmente, a ser Choay adepta do movimento moderno e, por conseguinte, avessa à arquitetura eclética ou puro estilo *Beaux-Arts*, cujo edifício é um exemplar.

Para Peixoto (2018, p. 130), as críticas de Choay ao ensino devem-se à tendência de os arquitetos voltarem seus objetos de estudos às “habitações proletárias” e aos “processos de renovação urbana”. Nesse sentido, cabe citar os seguintes artigos de Choay (1960, 1964, 1966): *Ces nombreuses mais tristes HLM* [Essas numerosas, porém tristes habitações sociais], na revista *France Observateur*; *Grandes ensembles et petites constructions* [Grandes conjuntos e pequenas construções], na revista *Arts de France*; e *Contre l’enfer vertical* [Contra o inferno vertical], na revista *La Quinzaine Littéraire*. Nesses artigos, Choay apresenta sua crítica a esses objetos

de estudos enquanto expressões arquitetônicas e, como desdobramento, afirma a crise da arquitetura na França.

Nesse momento, estava em curso a disputa entre os que eram formados pela ENSBA e pelo *Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUP)*, que assim foram relatadas por Diener (2020b, online):

No início da década de 1950, André Gutton (1902-2004) conseguiu finalmente introduzir o urbanismo na ENSBA, através do seu curso teórico. É através desta personagem que se questionam as ligações entre a ENSBA e o IUUP, por um lado porque ele se formou nestes dois estabelecimentos, por outro lado porque ele leciona simultaneamente em ambos: na ENSBA o curso teórico de 1949 a 1958, depois, o de urbanismo, de 1958 a 1961, e no IUUP o curso de composição de planos de 1946 a 1961. Esta dupla atividade permite observar, em dois enquadramentos distintos, a abordagem de Gutton e as potenciais transferências pedagógicas que se operam. Ela permite igualmente reconsiderar a contribuição de Gutton para a reforma da ENSBA, ao colocar em perspectiva a criação do Seminário e Ateliê Tony Garnier (SATG), em 1961, com Robert Auzelle (1913-1983).

Pode ser até que Choay estivesse participando dessas contribuições e debates para a inserção do urbanismo como disciplina nos cursos de arquitetura, entretanto, a consulta aos artigos publicados nos jornais e revistas especializados no período dá a entender que ela preferiu se ater às teses da arquitetura moderna a se aproximar das Ciências Humanas.

Contudo, não é de todo sem significado a decisão recente do *Institute for American Universities (Université d'Aix-Marseille)* em nomear a biblioteca digital de Françoise Choay, precisamente em 8 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher. No momento de inauguração, o diretor-geral do IAU, Fouad Awada, homenageou "*La grande dame de la critique historique de l'architecture et de l'urbanisme en France*"<sup>6</sup>.

Este reconhecimento é acentuadamente profissional, embora, ao ser publicizado no Dia Internacional da Mulher, quis aludir o IAU, ou melhor, Fouad Awada, que Choay teria contribuído também para a questão feminista? Teria Choay participado de instituições ou escrito algo sobre a questão feminina? Segundo Paquot e Ribeiro (2023, p. 9): "[...] seu feminismo é discreto, talvez se deva ao fato de ter se imposto como intelectual em um mundo masculino [...]". Se a filósofa não utiliza em suas obras frases incisivas para falar e escrever acerca de seu "feminismo discreto", é aceitável. Entretanto, trata-se de uma intelectual de substantivo cabedal teórico e prático, ou seja, a posição dela foi, provavelmente, mais que uma opção acadêmica ingênua, sendo uma opção, no mínimo, marcadora de diferenciações frente a outras intelectuais então presentes na França e que eram assumidamente feministas.

As historiadoras e integrantes da revista CLIO, Pavard, Rochefort e Zancarini-Fournel (2020), narram que o feminismo não é específico ao século XX, principalmente a partir da década de 1970, mas pode-se encontrar testemunhos que remontam ao século XVIII. Cabe notar que o movimento feminista, na França, iniciou com a existência de grupúsculos que, muitas vezes, estavam ligados a partidos políticos com pretensões a ter cadeiras no parlamento, mas logo se extinguiram. O movimento ganhou força com a unificação de várias vertentes no *Mouvement démocratique féminin* (MDF), que estabeleceu a campanha de adesão aos contraceptivos como prioridade desde 1961 e se consolidou como força política nos anos de 1970. Em artigo, no qual participaram de sua elaboração dez pesquisadoras, *Culture et pouvoir des femmes: essai d'historiographie*, publicado como autoria de Perrot et al. (1986), na revista *Annales*, ao narrar sobre as práticas intelectuais do feminismo,

<sup>6</sup> Palavras do diretor-geral do IAU, Fouad Awada, homenageando Françoise Choay: Disponível em: <https://fb.watch/mVZOhf87L/>. Acesso em: 8 set. 2022.

enuncia desafios conceituais a serem enfrentados e pressupostos a serem adotados, oferecendo, pois, um espectro da amplitude da cultura feminina no tempo recente.

Segundo Chaperon (1995), várias personalidades participavam do Comitê de Honra desse movimento, a exemplo de: Simone de Beauvoir, Françoise Giroud, Clara Malraux, três prêmios Nobel da Paz e Louise Weiss. Esta última conta com uma pequena biografia escrita por Françoise Choay, sua sobrinha, tendo atuado como jornalista, literata, feminista e política francesa, especialmente ocupando como deputada o Parlamento Europeu (1979-1983)<sup>7</sup>.

Note-se que, nos anos de 1970, Choay já gozava de certo reconhecimento no campo da história da arte e da arquitetura e urbanismo, mas nenhuma documentação sugere que ela tivesse algum desconforto em não participar destes e de outros movimentos pautados nas questões femininas, nem tivesse objeções sobre sua identidade e, muito menos, em viver num mundo de homens. Tais inferências estão pautadas na produção intelectual de Choay, publicada em livros e artigos de periódicos e jornais. Por exemplo, no *France Observateur*, constam artigos escritos, majoritariamente, sobre homens artistas plásticos e arquitetos, Michel Ecochard, Mark Tobey, Amedeo Modigliani e Le Corbusier (Choay, 1956, 1958a, 1958b, 1959). Por outro lado, entre os 260 artigos escritos entre 1956 e 1996, apenas três versam sobre mulheres, nas seguintes revistas: *France Observateur* (Françoise Panafieu e Sonia Delaunay) e *Art International* (Ewa Kopacz – 1963) (Choay, 1957a, 1957b, 1963). Ademais, na leitura do artigo da historiadora Danièle Voldman, *Le genre, à côté* [O gênero, à parte], publicado na revista *Genre & Histoire*, em 2015, consta o seguinte depoimento:

Tive algumas experiências ruins com professores do sexo masculino durante meus estudos; alguns foram considerados particularmente sexistas e misóginos. Então recorri a uma mulher, Françoise Choay, que liderava o Departamento de Urbanismo de Vincennes, para me orientar. Com real preocupação de sua parte ou vontade de testar minha determinação enquanto os cursos aconteciam à noite, após as do Liceu, ela me pediu para primeiro fazer o mestrado em Urbanismo, já que meu tema da História estava inscrito neste campo disciplinar. Sou grata a ela, pois durante dois anos descobri uma área que antes me era estranha. Nosso companheirismo, porém, não foi fácil. [...] Além disso, me parecia que minha orientadora via em toda mulher com pretensão intelectual uma concorrente potencial. Impressão que meus colegas do sexo masculino não poderiam honestamente desmentir. Aprendi que as mulheres não eram feministas por natureza e que uma relação de mulher para mulher não é inata. Historiadora entre arquitetos, mulher em um curso predominantemente masculino, eu estava ainda ao lado (Voldman, 2015, p. 2, tradução nossa).

Apesar da narração escrita até o presente trecho, ainda cabe indagar: mas o que se sabe de sua biografia? Segundo Paquot e Ribeiro (2023, p. 4), Françoise Choay procede de família abastada, alsaciana protestante, judia e aberta à cultura moderna, mas ela não fez as mesmas escolhas da tia Louise Weiss. A feminista Louise Weiss era um dos cinco filhos do casal Paul-Louis Weiss (1867-1945) e Jeanne-Félicie Javal. Os outros filhos eram: Emile Jean Jacques Weiss (1894-1987), André Eugène Paul Weiss (1899-1950), Francis Weiss e Marie Jenny Aubry (1903-1987) (Figura 2).

A documentação até então consultada dá conta de uma filósofa que participava de debates sobre artes e campos disciplinares com seus artigos publicados em jornais e revistas, ou com seus escritos constantes nos livros. Contudo, não foi verificada a associação de Choay à participação de nenhum movimento político, muito menos seu vínculo a partidos políticos, tal qual já enfatizou Paquot e Ribeiro (2023, p. 4):

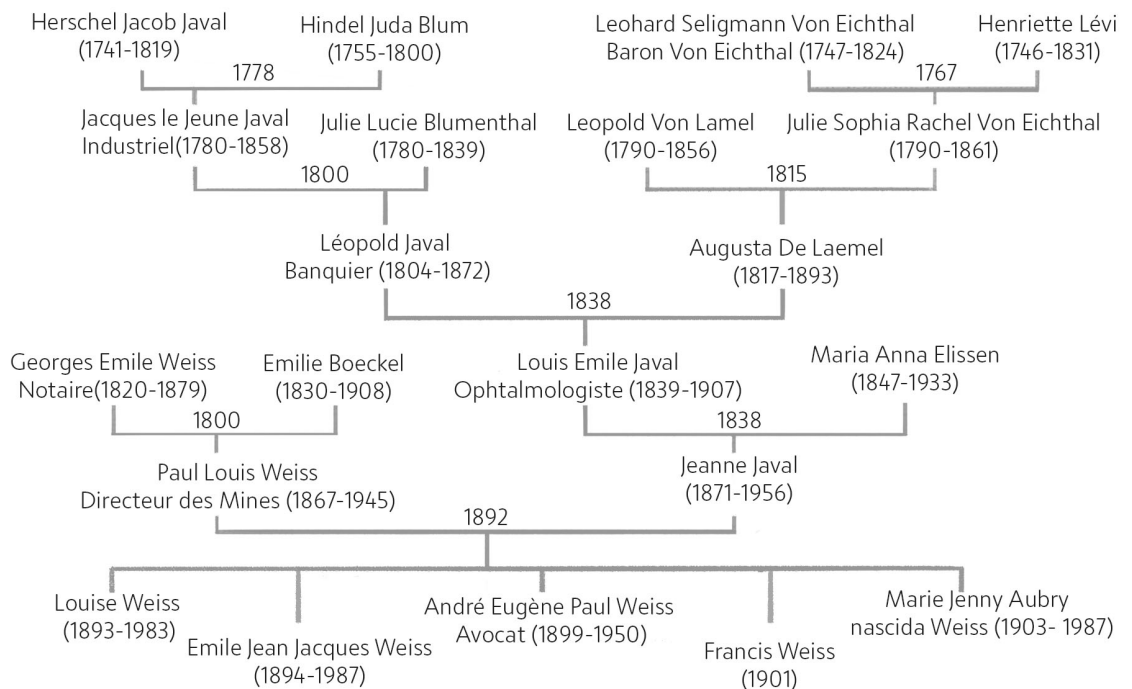
<sup>7</sup> Pequena biografia escrita por Françoise Choay sobre Louise Weiss: Encyclopedie Universalis, sem data. Disponível em: <https://www.universalis.fr/encyclopedie/louise-weiss/>. Acesso em: 18 set. 2023. Ver ainda: Texto disponível sobre Louise Weiss, disponível em: [https://fr.wikipedia.org/wiki/Louise\\_Weiss](https://fr.wikipedia.org/wiki/Louise_Weiss). Acesso em: 8 set. 2023.

A guerra chega para interromper uma adolescência protegida, Françoise acompanha sua mãe Colette para um maquis comunista em Corrèze, onde descobre a ideologia stalinista que a vacinará contra todo engajamento político cego, enquanto continua seus estudos de filosofia, garantindo o cotidiano e sendo mensageira, em condições de restrição e desconforto que ela não supunha.

Ao analisarmos as palavras de Paquot e Ribeiro, a inserção de Choay nas discussões políticas aparece de forma associada à sua mãe: Colette Hélène Weiss (1899-1975), filha do jornalista Camille Cerf (1862-1936) e de Helene Aimée Emilie Cerf (1878-1967). Em 1924, Colette casou-se com André Eugène Paul Weiss em Paris e, um ano após, em 1925, acontece o nascimento de sua filha, Françoise Weiss (Ata de casamento [...], 1924; Ata de batismo [...], 1899) . Após seu casamento com Jean Choay, ela assumiu o sobrenome do marido. Informam Paquot e Ribeiro (2023, p. 4) que ele era: “[...] diretor científico dos laboratórios farmacêuticos fundados pelo seu avô, homem de uma grande distinção e de uma sólida cultura [...] Nós os chamávamos de ‘os Choays’, porque eles formavam um casal notável, recebendo em casa a boa sociedade parisiense da ciência, das artes e das letras, como se costuma dizer”.

Na documentação relativa à trajetória biográfica de Françoise Choay há uma ênfase maior à família paterna. Contudo, a menção à figura materna atrelada ao contato com a “maquis comunista em Corrèze” fornece pistas quanto a uma possível discordância do engajamento de sua mãe, Colette Hélène Weiss, e um trauma resultante da sua vivência num ambiente político que, a seus olhos, era hostil.

Na família paterna, suas tias destacaram-se em suas inserções profissionais. Louise Weiss (1893-1983), por sua atuação como jornalista e feminista, e Marie Jenny Aubry (1903-1987), pediatra, neuropsiquiatra e psicanalista, importante nome da psicanálise infantil na França. A filha de Marie Jenny Aubry, Elisabeth Roudinesco, prima de Choay, é historiadora da psicanálise e autora das biografias do neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud (Roudinesco, 2016) e do psicanalista



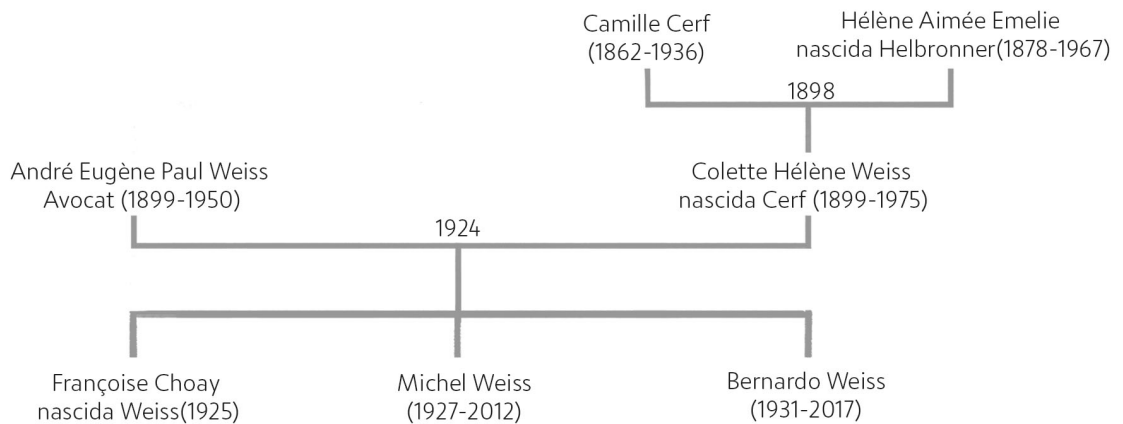
**Figura 2** – Árvore genealógica de André Eugène Paul Weiss, pai de Françoise Choay (nascida Weiss).

Fonte: Adaptada de <https://www.annales.org/archives/x/weiss.html> (2024).

francês Jacques Lacan. Nesta última obra, ao relatar sobre a temporada que Jacques Lacan passou na casa da família de Françoise Choay, em 1940, Roudinesco (1994) destacou os princípios rígidos adotados na educação dos filhos do casal Colette Hélène Weiss e André Eugène Paul Weiss.

No início da guerra, em plena crise com Malou [esposa de Jacques Lacan], já se hospedara durante um mês na casa de André Weiss, cuja mulher, Colette, era amiga dos Blondin e cuja irmã, Jenny Weiss-Roudinesco, haveria de tornar-se uma pioneira da psicanálise de crianças na França. Dessa temporada no número 130 da rua du Faubourg-Saint-Honore, ele guardara uma lembrança inesquecível. Os filhos de André Weiss eram educados segundo princípios rígidos que lhes proibiam falar à mesa diante dos convidados. Ora, Lacan transgrediu essa regra absurda dirigindo-se diretamente a eles: ‘Sentíamos-nos valorizados’, assinala Françoise Choay, ‘por um adulto interessar-se assim por nós. Ele nos causou uma forte impressão’ (Roudinesco, 1994, p. 173, tradução nossa).

O pai de Françoise Choay, André Weiss, nasceu em 24 de fevereiro de 1899, em Paris, foi advogado internacional e integrou a Resistência francesa<sup>8</sup>. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi prisioneiro e, em seguida, na Liberação da França do jugo alemão, foi *préfet* de Hérault e diretor do Ministério da Educação em 1948. Trabalhou para o governo francês até falecer. Porém, uma indagação se impõe, quem foi sua mãe? Em muitos textos, ela é citada apenas como Colette. Uma investigação cuidadosa permitiu melhor identificá-la como Colette Hélène Cerf, nascida em 4 de julho de 1899, em Paris, filha do jornalista, financista e gastrônomo Camille Cerf, nascido em 1862, Arlon na Bélgica, e da francesa Helene Aimée Emilia Cerf (nascida como Helbronner, na cidade de Paris, em 1878), podendo ser apreciada na árvore genealógica mostrada a seguir (Figura 3):



**Figura 3** – Árvore genealógica de Colette Weiss (nascida Cerf) mãe de Françoise Choay (nascida Weiss).

Fonte: Adaptada do *Archives Paris* disponível em: <https://archives.paris.fr>. Acesso: 28 out. 2023.

Pode-se observar que André e Colette nasceram no mesmo ano de 1899. Os compromissos de André Weiss e uma maior ligação de Françoise Choay com sua mãe são possibilidades apontadas conforme conceitua Ernest Block (*apud* Albornoz, 2006, p. 37) para que a então estudante de filosofia tenha seguido sua mãe para um “maquis comunista” em Corrèze (Paquot; Ribeiro, 2023, p. 4).

É preciso trazer algumas explicações das palavras entre aspas acima colocadas. Torna-se necessário lembrar que o contexto era o da Segunda Guerra Mundial, com a Ocupação da França pelos prepostos de Hitler, especificamente em Corrèze. As palavras do historiador Fabrice Grenard

<sup>8</sup> Dados biográficos sobre André Eugène Paul Weiss disponíveis em: <http://www.francaislibres.net/liste/fiche.php?index=116830> e <https://francearchives.gouv.fr/findingaid/b13401c74d683050cb2dec08f8f7a12fec8d2542>. Acesso em 26 out. 2023.

(2014, p. 28) esclarecem o simbolismo político desse departamento: em Corrèze, localizaram-se as principais “terras maquis” na França desde 1943, especialmente nos acampamentos da Resistência ligados ao FTP (militância do PC) ou do Exército Secreto (AS – braço armado da organização Combat estabelecido na região do Haute-Corrèze.).

A expressão “terras maquis” pode ser entendida, ainda, segundo Grenard (2017), como aquelas onde os acampamentos da Resistência se formaram mais rapidamente e eram mais numerosos. Porém, carece esclarecer que as condições de vida nos maquis em Corrèze, especialmente no inverno, eram difíceis, o que impunha aos mesmos serem majoritariamente constituídos por homens. Na cidade de Tulle, centro político e de embates entre as tropas de Ocupação e os diversos grupos da Resistência, foram implantados maquis no seu entorno. Para Grenard (2014), em 9 de julho de 1944, ocorreu o massacre aos militantes da Resistência, pelas tropas da SS, constituindo-se “uma das páginas mais dolorosas da história da Liberação”.

Para o professor de história Gilbert Beaubatie (1992), o Partido Comunista (PC), mesmo posto na ilegalidade em 1940, não cessou a sua atuação, mas adequou-se às atividades clandestinas. Porém, é Grenard (2014) que mostra, a partir de um estudo cuidadoso da cronologia e das situações locais, que o papel do PC foi determinante na ascensão do fenômeno maquis.

Se inicialmente os grupos se formaram agindo mediante distribuição de jornais e conversas privadas, após a Lei de Fevereiro de 1943 sobre o Serviço de Trabalho Obrigatório (STO), observa-se um crescimento do número de jovens que passaram a integrar os maquis e a priorização de atividades armadas. Dessa forma, o número de maquis comandados pelo PC prosperou de imediato, inclusive com a incorporação de combatentes que não eram militantes comunistas. E mais, alguns maquis comunistas contaram com a colaboração de ex-militantes que, não estando mais na clandestinidade, os apoiavam em termos de suprimentos ou alojamento. Considerando estas narrativas, torna-se pertinente a seguinte indagação: Françoise Weiss e sua mãe Colette Hélène Weiss viveram em um maquis comunista em Corrèze?

Sabe-se que os estudos historiográficos mostram não ter Choay aderido a nenhuma instituição que não fosse universitária e profissional, seja na França, seja nos países pelos quais ela passou estadia. Nos artigos e livros publicados, não foi encontrada uma clara alusão à questão feminista. Na publicação comemorativa dos 100 anos da Sociedade Francesa de Urbanismo (2011), ao aludir “*des universitaires*”, consta, entre oito homenageados, apenas uma mulher: Françoise Choay.

Do que se sabe até o momento, aqueles que estudaram a trajetória e o pensamento de Choay, poucas são mulheres: Claude (2006), Peixoto (2018), Pontual e Pereira (2023). Claude (2006, p. 9) aproxima-se a Françoise Choay principalmente quanto à adoção do “estatuto da história”, no qual o urbanismo, como objeto de “praticantes esclarecidos”, evoca questões em uma dada temporalidade e soluções a serem adotadas. Para tanto, o historiador deve problematizar o que esses práticos são, o que fazem e o mundo em que eles vivem. Entretanto, a interrelação entre ensino e prática profissional está tratada por Claude de modo secundário, sem alguma referência à Choay, marcando acentuadamente a presença do Estado nas configurações adotadas pelo campo do urbanismo.

O sociólogo Violeau, em sua obra, *Les Architectes et Mai 68*, cita Choay – junto a outros intelectuais franceses –, ao dissertar sobre as reformas e a busca por novos métodos de ensino para arquitetura e urbanismo. O autor destaca a adoção de uma história problematizada, a construção modular e a inserção da informática e linguagens de programação, como principais temas, e confere a Choay pouca importância na participação das revoltas e reforma de ensino. São palavras de Violeau (2005, p. 98, tradução nossa):

Entre os muitos colaboradores, notamos as participações frequentes de Jean-Pierre Peneau, Jacques Zeitoun, Philippe Panerai (e o 'Groupe Syntaxe'), Philippe Boudon, François Ascher, François Lautier, Raymond Gili, Gustave Massiah, Alain Rénier e mais marginalmente por Alexander Tzonis, Alain Lipietz, Algira J. Greimas, Françoise Choay [...].

Por outro lado, Violeau (2005) parece mudar de opinião ao verificar que, com a inserção de Choay na *Université de Vincennes*, em 1972, ela recebeu o *Grand Prix National du Livre d'Architecture* (em 1981) pela obra *La règle et le modèle* [A regra e o modelo], publicada em 1980 (Choay, 1980).

Voltando à questão feminina, a exceção feita por Choay (1979) entre os urbanistas tratados no livro *O Urbanismo, utopias e realidades: uma antologia* é a presença da jornalista norte-americana Jane Jacobs (2000)<sup>9</sup>, que, ao tornar-se editora associada da *Architectural Forum* (1952), passou a ter como prática a crítica à arquitetura e ao urbanismo, em especial ao urbanismo modernista, a Robert Moses e à valorização do saber empírico. Mas foi com o livro *The Death and Life of Great American Cities* [Morte e Vida de grandes cidades], publicado originalmente em 1961, que rapidamente ela se tornou internacionalmente conhecida e reconhecida como urbanista, e sua obra amplamente adquirida, apropriada e interpretada. O que evidencia certa unanimidade apoteótica ao livro em inglês.

Em *L'Urbanisme, utopies et réalités: une anthologie* (Choay, 1965) (*O Urbanismo, utopias e realidades: Uma antologia*), Jacobs está presente junto de outros cinco autores, os representantes da Antropólis - o homem como personagem central das cidades e as experiências sensoriais por ele efetivadas. Choay (1979, p. 293) refere-se a Jacobs como “[...] uma apologista da megalópolis, em detrimento dos subúrbios e das cidadezinhas provincianas”. Da leitura do texto escrito por Choay, apreende-se ser possível aos leitores inferirem várias questões.

É possível até se constatar que a recepção de suas ideias pode não ser duradoura. Choay faz elogios a Jane Jacobs, ao afirmar que as ideias da jornalista norte-americana contribuíram à emergência de uma “nova corrente pró-urbana”, por enaltecer a rua, o contato humano e a mistura de funções. Contudo, indagações surgem: o que levou Choay a trazer Jacobs para o seu livro sobre urbanismo? Por ser Jacobs uma mulher que conseguiu quebrar a barreira do mundo masculino e brilhar como urbanista? Choay reconhecia o mérito da urbanista americana por conseguir se impor num mundo de homens e se notabilizar, por isso, é provável ter Choay passado a considerá-la como uma presença não só no mercado editorial internacional, mas na perseverança de Jacobs em sua verve militante e na formulação de ideias libertárias.

## Françoise Choay e a criação de Vincennes

Ao que tudo indica, *Mai 68* pouco lhe mobilizou. Os debates dos quais participou davam-se no âmbito dos embates das ideias e vertentes disciplinares e profissionais. Por exemplo, entre os 33 artigos que ela publicou entre 1966 e 1969, não são tratados temas e/ou palavras como reforma de ensino, descentralização de Paris, criação de escolas de arquitetura regionais, ambivalência do trabalho arquitetônico, transmissão do “saber-fazer” do mestre ao aluno, academicismo acentuado e organização disfuncional da ENSBA. À exceção do já citado “*Mort de l'école des Beaux-Arts*, no qual disserta sobre os motivos que conduziram à eclosão das revoltas e, especialmente, como isso se deu

<sup>9</sup> Jane Jacobs (1916-2006) nasceu na Pensilvânia, iniciou a vida profissional como repórter do *The Scranton Times-Tribune*, e mudou-se para Nova Iorque, publicando em jornais e revistas. Em 1968, devido à Guerra do Vietnã, deixou os EUA para se estabelecer em Toronto. Logo, passou ao ativismo comunitário, propagando entre outras propostas, as seguintes: bairros saudáveis e economia diversificada acompanhada pela equiparação com o poder político. A aplicação do paradigma ecológico às atividades humanas marcou sua contribuição às disciplinas de urbanismo, economia, meio ambiente e filosofia.

nos domínios da escola. Se, por um lado, Choay se refere a *Mai 68* como um “admirável movimento de abertura”, por outro, afirma que “não se deve cair no mito das ciências humanas”, especialmente, a sociologia. Ficando clara a posição crítica sobre a importância que a sociologia tinha passado a ter entre os intelectuais, inclusive, a vinculação dos sociólogos à atribuição de pensador da cidade.

Outra instituição que sofreu também mudanças com as revoltas de *Mai 68* foi o *Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris* (IUUP), institucionalizado, com a proposta de formar profissionais urbanistas, na perspectiva de oferecer um ensino com um viés científico e suportado nas necessidades do presente. Para Busquet, Carriou e Coudroy de Lille (2005, p. 8, tradução nossa), os anos fundadores formaram uma base que veio a orientar os desdobramentos futuros do instituto:

Entre esta geração fundadora, distingue-se o papel desempenhado por Marcel Poète e Henri Sellier. O compromisso dessas duas personalidades com o ensino de urbanismo foi, por sua vez, muito precoce e duradouro. A complementaridade deles, o estudioso de Paris e o ativista do subúrbio, é uma imagem forte dessa síntese de competências carregada pela IUUP<sup>10</sup>.

A procura por profissionais especializados para atender à demanda criada com a aprovação da Lei Cornudet motivou a criação do primeiro curso de urbanismo na França. O engajamento acadêmico do historiador Marcel Poète, unido à articulação política do urbanista Henri Sellier à frente do Conselho Geral do Sena, resultou na criação da *École des Hautes Études Urbaines* (EHEU), em 1919, da Revista *La Vie Urbaine* e da *Fédération Internationale de l’habitation et de l’urbanisme*, em 1937.

O processo de entrada do urbanismo na universidade não foi fácil, sobretudo porque a disciplina foi pautada em práticas transversais, o que implicou a dificuldade de definição teórica e de métodos específicos. Em 1924, o curso da EHEU passou a integrar a *Université de Paris*, transformando-se no *Institut d’Urbanisme de l’Université de Paris* (IUUP). Para Chevalier (2000), o processo de reconhecimento universitário foi o passo definitivo para legitimar intelectualmente um modo de ação pública e certificar um corpo técnico para o exercício da profissão de urbanista. As ideias sobre a formação em urbanismo só ganharam maior concretude e funcionalidade a partir de então, dado o prestígio e importância para o campo intelectual.

Para tanto, o curso do IUUP muito contribuiu, pois tinha como disciplina tronco o ensino do plano urbanístico. Há, nos anos de 1950, a emergência das ciências humanas, principalmente Geografia e Sociologia Urbana, já nos anos de 1960. Pereira (2019, p. 39) detalha nos seguintes termos o curso de urbanismo do IUUP:

[...] era desenvolvido ao longo de 2 anos, divididos em 4 semestres compostos pelas disciplinas, exames e tese de conclusão. [...] outra peculiaridade do instituto foi a constante interlocução entre o ambiente acadêmico e a administração pública. Os professores atuantes em diferentes sociedades e instituições colocavam os alunos em contato com departamentos de saneamento, higiene, circulação habitação e prefeituras.

Até 1968, o IUUP funcionou sem grandes mudanças, com continuidade de ideias, corpo docente e organização. Entre os professores integrantes, até fins dos anos 1960, tiveram destaque: o historiador Marcel Poète (1919-1938), o jurista Henri Sellier (1919-1941), o arquiteto Henri Prost (1927-1940), o arquiteto Pierre Lavedan (diretor de 1942 a 1964), o arquiteto Robert Auzelle (1945-1968),

<sup>10</sup> Precedem o IUUP outras instituições: o *Institut d’Histoire, de géographie et d’économie urbaines* e a *École supérieure d’art public*, como parte do *Institut*, ambas iniciativas privadas. Em 1919, surgiu a *École des Hautes Études Urbaines* como iniciativa da Prefeitura do Sena. E, finalmente, em 1924, a *École* é tornada uma unidade administrativa subordinada à *Université de Paris*, passando a ganhar a denominação de IUUP (Busquet; Carriou; Coudroy de Lille, 2005).

o sociólogo Henri Lefebvre (1968-1973), o urbanista Gaston Bardet (1937-1942), a geógrafa Jacqueline Beaujeu-Garnier (1960-1968), o sanitarista Robert-Henri Hazemann (1937-1967), o geógrafo Pierre George, geógrafo Philippe Pinchemel (1960), o cientista político Georges Burdeau e o sociólogo e urbanista Hubert Tonka<sup>11</sup>.

É por isso que o *IUUP* conseguiu constituir uma densa tradição intelectual. Como diz Busquet, Carriou e Coudroy de Lille (2005, p. 10), essa tradição foi considerada arcaica e rejeitada pelos jovens no *Mai 68*.

Outra contribuição está nas palavras de Diener (2020a), ao discorrer sobre a atuação do SATG, na tentativa de estabelecer contatos com profissionais de diversos campos que dessem uma visão da prática do urbanismo inter-relacionada com outras disciplinas. Além disso, segundo o autor, ao longo de 13 anos de atividades, o SATG mobilizou 114 personalidades para conferências, estudos e contribuições, entre os quais, se destacam Pierre Merlin, Paul-Henry Chombart de Lauwe, Ionel Schein e Françoise Choay. A filósofa, conforme indicam as fontes, não teve uma significativa aproximação com André Gutton e Robert Auzelle, responsáveis pelo SATG. Os principais arquitetos e intelectuais citados por Choay em seus artigos foram: Le Corbusier, Michel Ecochard, Jean Prouvé, Roland Barthes, Pierre Merlin, André Chastel, Robert L. Delevoy e Michel Bataille.

Além disso, a leitura dos artigos permite afirmar que Choay demonstrava pouco ânimo com os seguintes temas: i) o urbanismo, talvez por estar sendo demandada uma interação entre este campo e as ciências sociais, como o artigo "*Introduction à Michel Ecochard: Les plans d'aménagement de la région parisienne ne sont que du vent*", publicado no *France Observateur*, em 1956; ii) as construções denominadas HLM (*Habitation à Loyer Modéré*) – moradia com aluguel moderado<sup>12</sup> e iii) os grandes conjuntos, a exemplo dos projetados por Roger Boileau e Jacques-Henri Labourdette, em Sarcelles a partir de 1955, como experiências para fazer face à demanda por habitação. É essa arquitetura que Choay criticava e polemizava nos anos agitados, comparando-a com a então produzida nos Estados Unidos.

Após as revoltas de *Mai 68*, as reformas propostas pelo governo De Gaulle, principalmente por meio do ministro André Malraux, são voltadas especialmente para o ensino de arquitetura. O decreto de 06/12/1968 desligou a sessão de arquitetura da ENSBA, procedendo a fragmentação dela e estabelecendo as Unidades Pedagógicas de Arquitetura, autônomas umas em relação às demais.

Entretanto, por onde ela circulava e em que redes intelectuais Choay participava? Para Peixoto (2018, p. 119):

Ela continua sendo requisitada para fazer viagens internacionais e trazer para os leitores franceses um balanço das discussões desses campos ao redor do mundo. [...] a disputa institucional na formação dos arquitetos-urbanistas leitores da Carta de Atenas de Le Corbusier versus os urbanistas formados pelo IUUP –, passam agora verdadeiramente a incomodá-la.

Peixoto (2018) narra a circulação de Choay pelos ambientes de arte e arquitetura nos países em que proferia conferências, além da frequência ao ambiente jornalístico, demonstrando uma atividade intelectual ativa para os temas que a interessavam. Pouco ou quase nada de conteúdo dessa atividade reporta-se ao ensino, à ENSBA, aos *ateliers*, ao IUUP etc.

<sup>11</sup> Sobre a revista *L'Utopie*: O grupo Utopie nasceu de um encontro na casa de Lefebvre em 1966. Ele incluía arquitetos, paisagista e sociólogos. *Utopie, review de sociologie de l'urbain* aparece em maio de 1967, com o sociólogo e urbanista Hubert Tonka como editor-chefe. Para a publicação da revista, Tonka criou a *L'Imprimerie Quotidienne*. Disponível em: <https://www.peoplepill.com/people/hubert-tonka>. Acesso em: 30 maio 2022.

<sup>12</sup> Em fevereiro de 1954, o Abbé Pierre fez um apelo às autoridades públicas para minimizar a crise habitacional, procedente das demandas e migrações das vítimas da Segunda Guerra Mundial e da Guerra com a Argélia.

A *Université de Vincennes* foi implementada segundo uma perspectiva pluridisciplinar, incentivando as contribuições dos campos disciplinares da sociologia, da economia, da ecologia e dos estudos dos sistemas de decisões etc. O percurso desta universidade e do seu departamento de urbanismo tem sido objeto de pesquisas e interpretações, e aquele selecionado consta de documento produzido denominado com acuidade de “dois institutos e uma história”:

Este estabelecimento foi concebido no início do ano letivo de 1968 para experimentar novas pedagogias “progressistas” (unidades de valores, multidisciplinaridade, ensino por seminários, etc.) e que rapidamente reuniu vários grandes nomes da filosofia e das ciências humanas. Está localizado no *Bois de Vincennes*. Foi durante o primeiro ano que, a pedido de um grupo de alunos, foi criado um departamento de Urbanismo. O ensino é desde o início muito aberto e baseado nas ciências humanas e sociais. Acima de tudo, de forma muito original, abrange todo o currículo universitário, desde a graduação até o doutorado. A equipe dos cinco primeiros professores é gradualmente reforçada com a chegada de professores da administração, dos serviços do *ministère de l'Équipement*, de instituições de estudos públicos, de escritórios de arquitetura: economistas, engenheiros, arquitetos em exercício. Este último será mais particularmente responsável pelos ateliês. Para estabelecer o seu reconhecimento, em particular, frente ao *Institut d'urbanisme de Paris*, ele foi renomeado, em 1976, como *Institut d'urbanisme de l'Académie de Paris* (IUAP), enquanto o centro universitário passou a ser *Université Paris VIII*. Ele acolhe, desde então, um número crescente de estudantes vindos de países em desenvolvimento, atingindo várias centenas de estudantes<sup>13</sup>.

Receptiva às ideias de Foucault a Barthes, de Bourdieu a Derrida, Vincennes foi um lugar privilegiado de renovação, rompendo com a tradição “Belas Artes”, como testemunha Jean Aubert, um dos fundadores do Departamento de Urbanismo:

Uma coisa deve ser dita, se falamos de Vincennes: [...]Vincennes foi fundada por 3 ou 4 pessoas [...] quer dizer, o Departamento de Urbanismo, não estou falando da Universidade [...] foi fundada por Tonka, Charles Goldblum veio um pouco depois... Tonka, Grumbach e eu, na verdade, basicamente [...], talvez eu esteja esquecendo[...] Françoise Choay também não estava longe [...]. Bem, então procuramos o aval de Merlin [...] (Auberth *apud* Violeau, 2005, p. 226, tradução nossa).

Atendem ao chamado do então diretor Pierre Merlin: Hubert Tonka, Charles Goldblum, Jean Aubert, entre outros. Mais tarde, em 1972, Françoise Choay passa a integrar o curso marcado pela dimensão social do urbanismo e pela transdisciplinaridade. Segundo Violeau (2005), Vincennes passa a ser berço de uma linha de pensamento estruturalista militante, da qual não escaparam os urbanistas. O reconhecimento de contradições e embates na trajetória das instituições e seus componentes intelectuais anteriores para a formulação de um ensino de urbanismo mostra a complexidade dessa disciplina, inclusive em sua múltipla legitimidade e jogos sociais.

## Conclusão

A imprecisão de Choay no tocante a um posicionamento quanto ao contexto político da década de 1960 na França reforça seu perfil enquanto uma intelectual que refletirá sobre as artes, a arquitetura e o urbanismo, sem um manifesto comprometimento político de suas contribuições. O que ilumina algumas questões norteadoras de futuras investigações é qual a relação de Françoise

<sup>13</sup> Sobre o Departamento de Urbanismo da Universidade de Vincennes, ver: [https://www.eup.fr/fileadmin/redaction/EUP/Documents/Evenements/50\\_ans\\_100\\_ans/50\\_ANS\\_EUP-PANNEAUX-Deux\\_instituts\\_une\\_histoire\\_2-750x1800mm-10mm\\_Fp.pdf](https://www.eup.fr/fileadmin/redaction/EUP/Documents/Evenements/50_ans_100_ans/50_ANS_EUP-PANNEAUX-Deux_instituts_une_histoire_2-750x1800mm-10mm_Fp.pdf). Acesso em: 20/02/2024.

Choay com sua mãe, Colette, cujos documentos consultados levam à hipótese de ela ser militante comunista e como se articula com sua opção pela crítica da arquitetura e do urbanismo? Qual a aproximação de Françoise Choay com sua tia paterna Louise Weiss? Considerando a atuação profissional ativa de suas tias – Louise Weiss e Marie Jenny Aubry – e de sua prima Elisabeth Roudinesco, como esta rede familiar pode ter fertilizado a produção intelectual de Françoise Choay? E como a cultura feminina foi abordada por ela?

Entendendo a atuação e produção intelectual de Françoise Choay nos campos disciplinares da filosofia, da história da arte, da arquitetura e do urbanismo e nos meios acadêmicos, editoriais e jornalísticos, pode-se referendar a sua disposição incansável ao enfrentar os desafios de seu tempo, como as transformações que a tecnologia estaria impondo à cidade e seus habitantes. Reconhecendo que nestes campos e ambientes predominava um universo masculino, confirmam-se a habilidade e o protagonismo com que ela nele circulava e afiança-se sua figura de intelectual e pesquisadora.

No entanto, ao se levar em consideração a posição ambígua de Françoise Choay nos embates de reformulação do ensino da arquitetura e do urbanismo, além de sua ausência nas disputas políticas e ideológicas nos anos finais da década de 1960 na França, verifica-se uma atuação um pouco reticente. Sabe-se que os acontecimentos de *Mai 68* não se efetivaram imediatamente. As suas repercussões ideológicas romperam tradições e hábitos culturais, permitindo virem para a arena intelectual o feminismo, a consciência ecológica, a cultura da diferença e a vida em pequenas comunidades, temas sem um expressivo envolvimento de Choay.

Não paira qualquer dúvida de que, nos anos de 1970, Choay já gozava de reconhecimento como escritora, professora e tradutora, que foi ampliado e fortalecido, conferindo substrato ao enunciado “mulher de seu tempo”. No entanto, num contexto dominado por figuras masculinas, se neutralizar – afastando-se de qualquer posicionamento –, ou evitar questionamentos acerca da restrição feminina nos espaços ocupados, não deixa de ser uma estratégia.

O que vem ao encontro da narrativa presente sobre a motivação de Choay (1965) ter postado no livro *L'Urbanisme* apenas o nome de uma mulher, a jornalista norte-americana Jane Jacobs. O reconhecimento de Choay para com Jacobs, entre mulheres escritoras, seguiu no sentido de que a filósofa francesa não pôde ignorar o mérito da jornalista americana como uma urbanista que se impôs num mundo de homens.

As investigações sobre as personagens familiares permitiram descortinar outras arenas, como a familiar. Uma das mais significativas foi o nome completo da mãe de Françoise Choay (1925-2025), Colette Hélène Weiss (1899-1975). Apesar de pelo menos até a Segunda Guerra Mundial terem permanecido juntas, as fontes permitem deixar como suposição que, depois, mãe e filha se distanciaram. A experiência vivida por ambas, em “um maquis comunista” na região de Corrèze, contém, assim, variados pontos a esclarecer.

Seu pai, André Eugène Paul Weiss (1899-1950), teve outros quatro irmãos, com destaque para as tias Louise Weiss (1893-1983, jornalista e feminista) e Marie Jenny Aubry (1903-1987, pediatra, neuropsiquiatra e psicanalista). A prima de Choay, filha de Aubry, Elisabeth Roudinesco (1944), é historiadora da psicanálise e autora de biografias. As fontes permitiram evidenciar, entretanto, uma pequena ressonância das hesitasas trajetórias profissionais e de militância dessas três mulheres no percurso intelectual de Choay.

Por outro lado, constatou-se que o casamento desta filósofa com o diretor científico dos laboratórios farmacêuticos, Jean Choay, promoveu a possibilidade de Françoise Choay se ressignificar. Com a inserção segura num ambiente burguês, artístico e de esclarecidos, lhe foi

possível escolher um caminho que a tornasse uma intelectual famosa num mundo de homens, parecendo não lhe trazer desconfortos, permitindo, ao contrário, a consolidação do enunciado de “um casal notável”, com distanciamento do contexto político. Fica posto que foi perseguida uma outra maneira de fazer história, que toma em consideração o conflito das interpretações, conforme Nora (1993). O jogo memória-história crítica é próprio às controversas contemporâneas, à polissemia e às significações das palavras.

Os argumentos apresentados permitem dizer que os acontecimentos políticos de *Mai 68* pouco mobilizaram Choay. Os debates dos quais participou davam-se no âmbito dos embates das ideias e vertentes disciplinares, a exemplo das mudanças nas instituições universitárias como a ENSBA e o IUUP que, quando muito, receberam artigos com comentários da filósofa. Embora ela elogie experiências como a do ateliê de George Candilis e Alexis Josic, assim como o SATG, cujos responsáveis foram André Gutton e Robert Auzelle, não foram identificadas fontes que deem conta da aproximação de Choay com estes arquitetos. Além disso, verificou-se que a produção arquitetônica moderna dos grandes mestres, executadas pelos poderes público ou privado, era o que mais a entusiasmava.

Com a reforma do ensino universitário, Choay é convidada para ensinar no Departamento de Urbanismo da Universidade de Vincennes, uma unidade pedagógica experimental, bem diversa da tradição das “Belas Artes”. A filósofa começa a ensinar neste departamento em 1972. A contribuição de Choay tornou-se uma referência juntamente aos demais urbanistas que apostaram em um ensino de urbanismo articulador de variados campos disciplinares.

## Referências

- Abrão, B. S. (org.). Solidão e angústia em Kierkegaard. In: Abrão, B. S. *História da Filosofia*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. p. 404-410.
- Albornoz, S. *Ética e utopia: ensaios sobre Ernest Bloch*. 2. ed. rev. Porto Alegre; Santa Cruz do Sul, RS: Movimento; Ed. da Unisc, 2006.
- Ata de batismo de Colette Cerf*. État civil de Paris. Les Archives de Paris, sujet: Naissances, Paris 1899. Disponível em: <https://archives.paris.fr/s/4/etat-civil-actes/>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- Ata de casamento de Colette Cerf e André Weiss*. État civil de Paris. Les Archives de Paris, sujet: Mariages, Paris, 1924. Disponível em: <https://archives.paris.fr/s/4/etat-civil-actes/>. Acesso em: 9 nov. 2022.
- Bachelard, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- Beaubatie, G. Le parti communiste français en Corrèze dans les rapports de l’administration de Vichy (1940-1941). *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, tome 104, n. 199-200, p. 323-334, 1992. Fait partie d’un numéro thématique : les années quarante dans le Midi. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/anami\\_0003-4398\\_1992\\_num\\_104\\_199\\_3742](https://www.persee.fr/doc/anami_0003-4398_1992_num_104_199_3742). Acesso em: 6 fev. 2024.
- Busquet, G.; Carriou, C.; Coudroy de Lille, L. (org). Un ancien institut...Une histoire de l’Institut d’urbanisme de Paris. *HAL Science Ouverte*, 2005. Disponível em: <https://hal.science/hal-00458381>. Acesso em: 12 maio 2022.
- Boudon, R. La crise universitaire française: essai de diagnostic sociologique. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, v. 24, n. 3, p. 738-764, 1969. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1969\\_num\\_24\\_3\\_422093](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1969_num_24_3_422093). Acesso em: 12 maio 2022.
- Bourdieu, P. A ilusão biográfica. In: Ferreira, M. M.; Amado, J.; Portelli, A. *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 183-191.
- Calabi, D. *Marcel Poëte et les Paris des années vingt: aux origines de l’histoire des villes*. Paris; Montréal: L’Harmattan, 1997.
- Choay, F. *L’urbanisme, utopies et réalités: une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.

- Choay, F. *Urbanismo, utopias e realidades: uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- Choay, F. *La cité du désir et la ville modèle: essai sur l'instauration textuelle de la ville*. 1978. Tese (Doutorado) – Université de Paris X, 1978.
- Choay, F. *La règle et le modèle: Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.
- Choay, F. Introduction à Michel Ecochard, Les plans d'aménagement de la région parisienne ne sont que du vent. *France Observateur*, n. 317, p. 10-11, 7 juin 1956.
- Choay, F. Un exemple : Panafieu. *France Observateur*, n. 352, p. 16, 7 fév. 1957a.
- Choay, F. Aux sources de l'art non figuratif: Delaunay. *France Observateur*, n. 382, p. 14, 5 sept. 1957b.
- Choay, F. Un grand peintre américain expose à Paris : Mark Tobey. *France Observateur*, n. 402, p. 23, 23 janv. 1958a.
- Choay, F. Sur Modigliani. *France Observateur*, n. 422, p. 18, 5 juin, 1958b.
- Choay, F. Le Corbusier à la Cité Universitaire. *France Observateur*, n. 478, p. 15, 1959.
- Choay, F. Mort de l'École des Beaux-Arts. *La Quinzaine littéraire*, n. 52, p. 13, 1968.
- Choay, F. Ces nombreuses mais tristes HLM. *France Observateur*, n. 517, p. 15-16, 1960.
- Choay, F. Kopacs, à la recherche du monde perdu, *Art International*, v. 2, p. 38-41, 1963.
- Choay, F. Grands ensembles et petites constructions. *Arts de France*, t. 4, p. 387-391, 1964.
- Choay, F. Contre l'enfer vertical ou Frank Lloyd Wright: L'architecture de l'avenir, *La Quinzaine littéraire*, n. 7, p. 17, 1966.
- Choay, F.; Merlin, P. *Dictionnaire d'urbanisme et d'aménagement urbain*. Paris: Presses universitaires de France, 1988.
- Chaperon, S. La radicalisation des mouvements féminins Français de 1960 à 1970. *Vingtième Siècle, Revue D'histoire*, n. 48, p. 61-74, 1995. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/xxs\\_0294-1759\\_1995\\_num\\_48\\_1\\_4423](https://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1995_num_48_1_4423). Acesso em: 23 nov. 2023.
- Chevalier, G. L'entrée de l'urbanisme à l'Université. La création de l'Institut d'urbanisme (1921-1924). *Genèses*, v. 39, p. 98-120, 2000. Entreprises et société à l'Est.
- Claude, V. *Faire la ville: Les métiers de l'urbanisme au XXe siècle*. Marseille: Parenthèses, 2006.
- Diener, A. L'enseignement d'André Gutton. Une démarche construite entre l'Institut d'urbanisme de l'université de Paris et l'École des beaux-arts (1921-1974). *Hypothèses*, 2020a. Disponível em: <https://ensarchi.hypotheses.org/1449>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- Diener, A. De l'École des beaux-arts aux instituts d'urbanisme. Repenser l'enseignement par l'atelier au sein du Séminaire et atelier Tony Garnier (SATG) (1961-1974). *Hypothèses*, 2020b. Disponível em: <https://hal.science/hal-04156628v1/file/article%20version%20finale.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- Grenard, F. Le PCF et les maquis. In: Vigreux, J.; Ducoulombier, R. (dir.). *Histoire documentaire du communisme: Territoires contemporains – nouvelle série* [en ligne], n. 7, 2017. Disponível em: [http://tristan.u-bourgogne.fr/CGC/publications/Histoire\\_documentaire\\_communisme/Fabrice\\_Grenard.html](http://tristan.u-bourgogne.fr/CGC/publications/Histoire_documentaire_communisme/Fabrice_Grenard.html). Acesso em: 5 fev. 2024.
- Grenard, F. *Une légende du maquis: Georges Guingouin, du mythe à l'histoire*. Paris: Vendémiaire, 2014. Disponível em: <https://www.cairn.info>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- Sociedade Francesa de Urbanismo. *100 ans d'urbanisme: 1911–2011*. Paineaux de l'expo itinérante de la SFU, 2011. Disponível em: <https://www.urbaniste.com/wp-content/uploads/2020/11/100ansPanneaux-sfu.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.
- Jacobs, J. *Morte e Vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Loyer, E. Mai 68 et l'histoire: 40 ans après. *Cahiers d'histoire. Revue d'histoire critique*, n. 107, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3WkXic7>. DOI: <https://doi.org/10.4000/chrhc.1321>. Acesso em: 12 maio 2022.
- Malaquias, T.; Brandão, C. C. Françoise Choay e a revisão crítica da narrativa canônica de Brasília sob a ótica das mulheres. *Paranoá*, v. 16, n. 35, e47909, 2023.

- Marcuse, H. Marcuse e as revoltas estudantis de 1968. Palestra de Marcuse na Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD), em 23/05/1968. *Revista Jacobina*, 2021. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2021/06/marcuse-e-as-revoltas-estudantis-de-1968-uma-conferencia-nao-publicada/>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- Morin, E. Maio de 68 é algo como um momento simbólico de crise da civilização. Entrevista de Michel Wieviorka a Edgar Morin. *Instituto Humanitas Unisinos*, 4 maio 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/578855-maio-de-68-e-algo-como-um-momento-simbolico-de-crise-da-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- Morin, E.; Lefort, C.; Coudray, J.-M. *Mai 68, La Brèche*: Premières réflexions sur les événements. Paris: Éditions Fayard, 1968.
- Nora, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, 1993.
- Paquot, T.; Ribeiro, E. P. *Françoise Choay (1925)*. *Paranoá*, v. 16, n. 35, p. 1-10, 2023.
- Paugam, J. *Génération perdue*. Paris: Laffont, 1977.
- Pavard, B.; Rochefort, F.; Zancarini-Fournel, M. *Ne nous libérez pas, on s'en charge*: une histoire des féminismes de 1789 à nos jours. Paris: La Découverte, 2020. Document téléchargé depuis <https://www.cairn.info>. Acesso em: 3 mar. 2024.
- Peixoto, P. *Uma história do urbanismo em construção*: as práticas historiográficas de Françoise Choay (1956–1971). 2018. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- Pereira, J. M. *Para florescer pessoas*: o pensamento urbanístico de Gaston Bardet. 2019. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- Pontual, V.; Pereira, J. R. No mundo das palavras de Françoise Choay: decodificando o modelo. *Paranoá*, v. 16, n. 35, p. 1–22, 2023.
- Perrot, M. et al. Culture et pouvoir des femmes: essai d'historiographie. *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, v. 41, n. 2, p. 271-293, 1986. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ahess\\_0395-2649\\_1986\\_num\\_41\\_2\\_283275](https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1986_num_41_2_283275). Acesso em: 5 mar. 2024
- Roudinesco, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- Roudinesco, E. *Jacques Lacan*: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- Violeau, J.-L. *Les Architectes et mai 68*. Paris: Éditions Recherches, 2005.
- Voldman, D. Le genre, à côté. *Genre & Histoire*, v. 15, 2015. Doi: <https://doi.org/10.4000/genrehistoire.2074>.